



Clóvis Lopes da Silva

Jadir Machado Lessa

O Conceito de Cuidado

na Psicoterapia

Fenomenológico-Existencial

Clóvis Lopes da Silva
Jadir Machado Lessa

**O Conceito de Cuidado na Psicoterapia
Fenomenológico-Existencial**

São Luís



EDUFMA

2021



Universidade Federal do Maranhão

Reitor *Prof. Dr. Natalino Salgado Filho*

Vice-Reitor *Prof. Dr. Marcos Fábio Belo Matos*



EDUFMA

Editora da UFMA

Diretor *Prof. Dr. Sanatiel de Jesus Pereira*

Conselho *Prof. Dr. Arkley Marques Bandeira*

Editorial *Prof. Dr. Luís Henrique Serra*

*Prof. Dr. Elídio Armando Exposto
Guarçoni*

Prof. Dr. André da Silva Freires

Prof. Dr. Jadir Machado Lessa

Profª. Dra. Diana Rocha da Silva

Profª. Dra. Gisélia Brito dos Santos



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

**Associação Brasileira das Editoras
Universitárias**

Copyright © 2021 by EDUFMA

Capa *João Matheus de Barros Câmara*

Projeto Gráfico *João Matheus de Barros Câmara*

Pintura da Capa *Steve Johnson | Unsplash*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Silva, Clóvis Lopes da.

O conceito de cuidado na psicoterapia fenomenológico-existencial/ Clóvis Lopes da Silva, Jadir Machado Lessa. — São Luís: EDUFMA, 2021. 69 p.:il.

ISBN: 978-65-89823-94-0

1. Psicoterapia fenomenológico-existencial. 2. Psicoterapia do cuidado. 3. Análise existencial. 4. Clínica do cuidado. 5. Fenomenologia – Heidegger. I. Lessa, Jadir Machado. II. Título.

CDD: 616.891 42

CDU: 615.851:165.62

Elaborada pela bibliotecária Marcia Cristina da Cruz
Pereira CRB-13/ 418

Produzido no Brasil [2021]

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, microimagem, gravação ou outro, sem permissão do autor.

EDUFMA | Editora da UFMA

Av. dos Portugueses, 1966 – Vila Bacanga

CEP: 65080-805 | São Luís | MA | Brasil

Telefone: (98) 3272-8157

www.edufma.ufma.br | edufma.sce@ufma.br

Sumário

Prefácio

Introdução 7

**Contexto Histórico
para o Surgimento da
Fenomenologia-Existencial
de Martin Heidegger** 12

**Heidegger e uma Nova
Ontologia Fundamental** 17

**A Fenomenologia como
Ciência Ontológica** 20

**O Arcabouço Teórico
e Metodológico da
Fenomenologia-Existencial
para uma Clínica do
Cuidado** 23

**A Noção de Mundo
Concebida pela
Fenomenologia** 25

Sumário

**A Constituição da
Subjetividade Humana e a
Noção de Ser-No-Mundo,
de Martin Heidegger 27**

**Uma Nova Compreensão
sobre os Modos de Existir do
Ente Humano 33**

**O Cuidado como
Constituição Fundamental
do Ser-Aí (Dasein) 36**

**O Método da Abordagem
Fenomenológico-Existencial
na Clínica 42**

**O Método Fenomenológico
como Instrumento de
Descrição do Fenômeno que
se Mostra na Clínica 51**

Considerações Finais 63

Referências 66

Prefácio

Este pequeno livro surgiu como resultado final de uma pesquisa monográfica realizada pelo psicólogo Clóvis Lopes da Silva, então estudante do último ano do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, e seu orientador, o Professor Dr. Jadir Machado Lessa. O tema escolhido por Clovis surgiu de sua necessidade pessoal de compreender, de forma mais apurada, o que de fato ocorre em uma sessão psicoterápica. Desde quando iniciou o curso de Psicologia na UFMA, ele já tinha como certo que pretendia exercer a clínica psicoterápica. Quando se aproximou o período de cumprir o estágio curricular, que também coincidiu com a produção da monografia, a Psicanálise, abordagem pela qual ele havia se sentido atraído desde o início do curso, já não exercia tanta fascinação em sua pessoa.

Ao pensar que concluiria seu Curso de Psicologia e, a partir de então, estaria envolvido por uma realidade clínica cujo maior foco é compreender e interpretar doenças ou transtornos, já não era mais tão empolgante para ele. Foi então que, após um reexame do conteúdo já estudado até então, decidiu-se por nortear sua monografia e seu estágio em clínica, pela abordagem fenomenológico-existencial. E, ao aprofundar-se nesses conceitos, descobriu que, nessa abordagem, teria a possibilidade de compreender todos os modos de ser do ente humano como possibilidades que lhe são próprias. Compreendeu tratar-se de uma maneira de conceber o ente humano que mais se aproximava da realidade existencial, o que de fato muito o agradou.

Introdução

Este estudo buscou compreender as possíveis mudanças empreendidas nos modos de ser do ente humano, através de uma psicoterapia do cuidado, fundamentada no pensamento fenomenológico-existencial de Martin Heidegger.

A preocupação inicial em estabelecer o campo e sub-campos do estudo estava ligada ao fato de que pudessem não só nortear a presente pesquisa, mas serem facilmente compreendidos como campos fundadores da atuação e do fazer do psicólogo. Sendo assim, estabeleceu-se como objetivo geral demonstrar a possibilidade de uma psicoterapia do cuidado sustentada na proposta da Analítica-existencial de Martin Heidegger. Os objetivos específicos foram três: evidenciar, na Fenomenologia-Existencial de Heidegger, os fundamentos para a compreensão do ser do ente humano como constituído por cuidado; apontar as características do conceito de cuidado proposto por M. Heidegger e sua correlação originária com os modos de ser do ente humano, o Dasein; apresentar as características do modelo proposto por Heidegger que possibilitou o desenvolvimento da Análise Existencial ou Daseinsanálise.

O modelo proposto por Martin Heidegger apresenta características próprias, que resultaram na criação da Daseinsanálise. As noções de homem e mundo elaboradas pela fenomenologia-existencial são fundamentais para sustentar um fazer clínico afastado tanto do modelo próprio da tradição metafísica, quanto do modelo positivista e sua dicotomia sujeito/objeto e seus demais pressupostos. Por outro lado, o pensamento de Martin Heidegger, constante em sua obra *Ser e Tempo*,

lançada originalmente em 1927, possibilitou que a fenomenologia se singularizasse em seu caráter mais existencial, transformando-se em uma ontologia fundamental. A Psicologia também foi impactada pelos importantes desdobramentos a partir da obra *Ser e Tempo* (1927/2002), principalmente no contexto clínico, por estabelecer a possibilidade de se compreender as questões existenciais humanas mais profundas como o modo próprio de ser de cada ente humano em seu existir ou seu estar no mundo. A compreensão heideggeriana concebe homem e mundo como co-existentes originariamente. O homem constitui-se através da atribuição de sentido ao mundo e sua realidade, enquanto que a partir dessa atribuição de sentido, o fenômeno mundo passa a ser para este *dasein*. Logo, a compreensão dessa unidade fundamental da existência, que Heidegger (2002) intitula *ser-no-mundo*, possibilitou à Psicologia estabelecer, sob novas bases, seu objeto de estudo. Isso foi de crucial importância para que a Psicologia avançasse na construção de um método clínico próprio, mais adequado ao contexto existencial humano. A clínica psicológica do cuidado, neste caso, fundamenta-se na abordagem fenomenológico-existencial, utiliza-se da dinâmica e dos procedimentos estruturantes do método da análise-existencial, que são: abertura, escuta, compreensão, descrição e cuidado. Ela tem como principal função possibilitar ao ente humano em análise o ambiente necessário à reconstrução de seu ser-todo próprio através do processo autônomo do cuidado.

Assim, o presente trabalho desenvolveu-se visando esclarecer as possíveis mudanças empreendidas nos modos de ser do ente humano, através de uma psicoterapia de base fenomenológico-existencial. Se tais mudanças decorreriam do processo de análise e representariam uma apreensão do sentido de ser próprio de cada um como fundamento da existência, capaz de

possibilitar uma satisfação existencial. Tal mudança é compreendida como a retomada do controle do processo do cuidado de si próprio, inerente ao proceder natural de todo ente humano. Sendo assim, é importante salientar que este trabalho originou-se e se manteve no âmbito da reflexão teórica a cerca das possibilidades concretas de se exercer uma psicologia negativa, fundamentada no pensamento fenomenológico-existencial de Martin Heidegger.

A necessidade de uma psicologia fundamentada na negatividade fundamental do ser do ente humano revela-se na medida em que, no momento atual de desenvolvimento da ciência positiva, surge a tendência à medicalização da vida, com o aporte de suporte medicamentoso para as mais diversas questões existenciais, muitas vezes de difícil acesso pela população e com conseqüências que, em certos casos, geram dependência e perda de autonomia. Nesse sentido, buscou-se expor as evidências de que uma psicologia de vertente fenomenológico-existencial possa se apresentar como alternativa eficiente e eficaz para lidar com as questões existenciais, sejam elas pessoais ou coletivas, de tal maneira que sejam levados em consideração todos os comportamentos apresentados por cada ente humano como possíveis modos de ser que lhe são próprios. Entretanto, deve-se considerar que tal liberdade de ação está sempre atrelada à devida responsabilidade inerente às próprias conseqüências dos atos praticados. A idéia prevalente nesse novo modo de abordar a existência é a de que, em decorrência mesmo dessa liberdade, a angústia também torna-se inerente à existência humana. Sendo assim, a aceitação de que dela jamais se poderá afastar por completo, seja uma atitude que levaria a uma nova forma de compreensão e apreensão da existência humana e das performances individuais apresentadas diante das certezas e incertezas da vida.

Inicialmente, a Fenomenologia-existencial apresentou-se como uma abordagem capaz de responder aos questionamentos acima levantados sobre as possibilidades de empreender mudanças nos modos de ser do ente humano através de cuidado em uma clínica psicoterápica fundamentada por uma psicologia negativa. Isso porque a problemática levantada diz respeito ao fenômeno do cuidado, sendo a Fenomenologia, conforme os estudos de Martin Heidegger (2002, p.67), “a ciência dos fenômenos”, aquela que se debruça sobre as várias manifestações dos fenômenos, com vistas a compreender os próprios fenômenos em si, no presente caso, o fenômeno do cuidado.

No decorrer do presente estudo, busca-se demonstrar que o conhecimento fundamental para a compreensão dessa noção de cuidado encontra seu principal pilar nas pesquisas de Martin Heidegger, sobretudo a respeito da natureza do cuidado e sobre o método a ser utilizado para alcançá-lo, constantes em sua obra *Ser e Tempo*, publicada originalmente em 1927. Esse novo sentido do termo cuidado comparece em passagens do texto de Heidegger (2002) tais como: “A totalidade desse todo estrutural desentranhou-se como cuidado.” (p.9); e: “Esse poder-ser-todo em sentido próprio se revela, ao mesmo tempo, como modo de cuidado.” (p.13). Logo, o cuidado configura as estruturas ontológicas do ser, estruturas estas percebidas e concretizadas pelo próprio ente que se constitui - visto que o ente humano sempre busca compreender-se e constituir-se a si próprio.

Visto que este trabalho visa expor e demonstrar de forma simples, porém elucidativa, a possibilidade de uma psicoterapia do cuidado sustentada na proposta da analítica-existencial de M. Heidegger, em um primeiro momento, realiza o compromisso de esclarecer sobre o arcabouço das fundamentações teóricas

necessárias que serviriam de base epistemológica para uma abordagem psicológica de natureza não objetiva. Em segundo lugar, estabelece as características do cuidado e sua relação originária com os modos de ser do ente humano (o Dasein). E, por fim, porém não menos importante, apresenta a natureza e as características do modelo proposto por Martin Heidegger, que resultou na criação da análise-existencial ou Daseins-análise, demonstrando sua capacidade de conduzir seguramente, terapeuta e paciente, pelo processo rumo ao objetivo de possibilitar ao analisando o espaço-tempo de construção necessário para que ele possa reassumir o cuidado de si próprio, tornando-se um ser existente. Com o fim de alcançar estes objetivos, lançou-se mão de uma pesquisa bibliográfica e análise de literatura, adotando a fenomenologia-existencial como referencial teórico e metodológico. A pesquisa foi realizada em bibliotecas físicas e virtuais, em sites, livros, periódicos e artigos que tratam o tema.

Ao final deste empreendimento, espera-se que, com as considerações levantadas neste trabalho, fique evidenciado, na teoria Fenomenológico-Existencial de Martin Heidegger, as bases e parâmetros para a compreensão e descrição da essência do ser do ente humano como constituída por cuidado. E, assim, contribuir para uma maior compreensão da Fenomenologia-existencial de Martin Heidegger e sua Analítica-existencial como fundamento de sustentação para o conceito de cuidado em psicoterapia.

Contexto Histórico para o Surgimento da Fenomenologia-Existencial de Martin Heidegger

A crise do pensamento filosófico de tendência
objetivante

No final do século XIX e início do século XX, havia uma crise no pensamento filosófico em geral, e particularmente em relação ao poder da metafísica de responder praticamente às demandas por soluções efetivas no tocante às questões ligadas tanto ao universo pessoal de cada indivíduo como ao convívio social de forma geral. Essa crise teve o seu ápice na ocorrência da primeira e da segunda guerra mundiais, o maior sinal de que o pensamento científico apresentava uma certa decadência de difícil superação apenas através de meras atualizações em seus pressupostos. Havia, na verdade, a necessidade da filosofia de restabelecer suas bases epistemológicas a fim de alcançar seu estado primeiro, estado esse perdido em meio ao processo de sucessivas atualizações requisitadas pelo desencadeamento da modernidade, e por que não dizer, da pós-modernidade.

Essa crise da filosofia é abordada por diversos expoentes da filosofia contemporânea da época, tais como Sigmund Freud, em *O mal estar na civilização* (1930 - 1936); Edmund Husserl, em seu livro *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental* (1936), dentre outros. O contexto filosófico e científico desse

período apresentava uma incerteza que pairava sobre a teoria causalista sustentada pelo conhecimento positivista e naturalista, uma vez que, embora este modelo visasse “prever e controlar o comportamento humano e garantir o retorno ao equilíbrio mental com promessas de felicidade e liberdade relacionadas às descobertas científicas e tecnológicas” (BARRETO, 2006), apresentava um ponto inatingível com relação a sua infinita cadeia de causas e efeitos, conforme é bem apontado por Drucker (2004), ao citar Dostoiévski (1863):

Onde estão minhas causas primeiras, em que me apóie? Onde estão os fundamentos? Onde irei buscá-los? Faço exercício mental, e, por conseguinte, em mim, cada causa primeira arrasta imediatamente atrás de si outra, ainda anterior, e assim por diante, até o infinito. Tal é, de fato, a essência de toda consciência, do próprio ato de pensar. E assim chegamos de novo às leis da natureza. (DOSTOIÉVSKI, 1863, p. 29-30, apud DRUCKER, 2004)

Por essa razão é que eram muitas as dúvidas levantadas sobre o método causalista a ser utilizado na Psicologia, aspirante ao grau de ciência positiva, onde alguns apontavam uma provável inconsistência em seus resultados, como é bem externado por May (1988, p. 39):

Como podemos estar certos de que nosso sistema, admirável e lindamente lavrado como deve ser a princípio, será de alguma utilidade para aquele específico Sr. Jones, uma realidade viva e imediata sentada à nossa frente na sala do consultório?

É nesse ambiente de incertezas e de respostas não satisfatórias dadas tanto pela ciência positiva, quanto pela metafísica tradicional, quanto ao ser e ao proceder do homem, que surge a necessidade de uma nova forma de questionar e entender o existir humano, a qual

se diferenciasse dos modelos psicologistas baseados no pensamento moderno já dogmatizado, uma vez que os mesmos já não atendiam às demandas por compreensão das relações humanas de forma segura.

Diante de tal contexto surge a inquietação sobre o exercício de uma clínica psicológica decorrente de uma proposta pensada na modernidade, época histórica instituída quando as relações do homem com os demais entes se dão por meio de exigências e imperativos da ciência e da técnica (BARRETO, 2006)

Muito embora o contexto fosse, conforme apresentado acima, de uma crescente desconfiança nas possibilidades de sucesso do pensamento racional e sua técnica, a Psicologia andava as voltas com suas aspirações de tornar-se ciência, notadamente uma ciência que buscava por objeto de estudo o comportamento humano e sua previsão. Para tanto, a Psicologia movimentava-se no sentido de inserir-se no campo do conhecimento hegemônico da tradicional metafísica da objetivação, adotando como teorias psicológicas a centralização da razão e a dicotomia do ser do homem, “pressupondo uma interioridade e a constituição de um ‘eu’ substancializado, localizado no tempo e no espaço, dotado de determinações e sentido prévios, com privilégio do modelo explicativo, próprio das ciências da natureza”. (BARRETO, 2011)

A partir desse contexto de insatisfação e insegurança, inicia-se um movimento, não um movimento coletivamente articulado, mas de diversos estudiosos e filósofos em tentativas individuais de recolocar a filosofia mais uma vez em seu lugar de problematização. E como expoente inicializador dessa retomada, aparece o filósofo e matemático alemão Edmund Husserl (1859-1938), consagrado como o fundador da Fenomenologia, que, ao tentar dar uma resposta alternativa para a

crise do pensamento filosófico metafísico subjetivante, lança seu mais famoso livro *A Filosofia Como Ciência de Rigor* (1965). Em suas páginas, ele elabora uma nova forma de abordagem filosófica a respeito de questões como a compreensão de mundo, a realidade das coisas e o modo de ser do ente humano ao buscar compreender e vivenciar tais realidades.

Sendo assim, em busca de dar sua parcela de contribuição da forma mais pragmática possível para a compreensão e a solução dos dilemas então vividos pelo homem, Edmund Husserl propõe uma Psicologia Fenomenológica baseada em uma filosofia como ciência de rigor. Nessa nova forma de abordar e compreender o mundo, o mundo passa a ser concebido como sendo um fenômeno, ou seja, segundo este filósofo, o mundo existe, mas precisa ser desvelado pelo homem. Logo, o mundo precisa ser percebido pelo homem como fenômeno para que venha a existir concretamente para este homem. E, sendo isso necessário, o contexto para a aparição e apropriação do fenômeno mundo já está posto na medida em que na compreensão husserliana o fenômeno é aquilo que se mostra e a consciência é concebida como um fenômeno intencional.

A intencionalidade da consciência, segundo Edmund Husserl, está assentada no fato de que não existe consciência no vazio, mas que toda consciência é consciência de algo no mundo. Portanto, para a consciência existir há a necessidade de dois pólos, sendo ela mesma o elo constituído e constituinte que se dá na relação entre um ente humano e outro ente humano, ou entre este e um ente simplesmente dado (coisa) em sua aparição fenomenal.

Desta forma, a consciência, no entendimento deste estudioso, acaba apresentando uma compleição plástica, uma vez que a mesma se adapta aos diversos contextos existenciais. Por apresentar uma natureza de

fluxo, de constante transformação, adéqua-se às mais diversas necessidades de observação e vivência dos fenômenos com os quais se depara. Logo, a consciência não está pronta a priori dos encontros com os demais entes, isolada em si, mas vai acontecendo ao longo do tempo, conforme os diversos contextos temporais, ancorada em sua característica mais notável, a temporalidade. Assim, devemos compreender que, sendo a consciência o meio para a construção do conhecimento, é necessário que se conceba, também, a intencionalidade do pensamento, uma vez que é preciso direcionar a consciência para algo de onde o conhecimento floresça.

Heidegger e uma Nova Ontologia Fundamental

Foi nesse diapasão que Martin Heidegger (1889/1976), o filósofo central deste trabalho, lança, em 1927, *Ser e Tempo*, cuja temática central é o retorno da questão do ser e o conseqüente lançamento de uma nova visão de homem como um ser cuja estrutura ontológica originária e permanente é de um ser incompleto, indefinido e indeterminado, com infinitas possibilidades em um horizonte finito de tempo. Isto significa dizer que o ser do ente humano nunca será passível de conceituação que o defina concretamente de forma completa. Segundo Lessa (2015), Heidegger estabelece uma mudança no campo da filosofia quando busca compreender a questão do ser, apontando que houve um “deslocamento da idéia de essência dos modelos substancialistas utilizados pela metafísica para os campos fenomenológico-relacionais e substituindo a noção de significado pela idéia de sentido”. (LESSA, 2015).

Heidegger já inicia seus estudos apontando aquilo que para ele trata-se de um erro fundamental na pergunta mais importante a ser respondida pela metafísica, desde Platão até Descartes: o que é o ser humano? Para Heidegger, o mais correto seria: como é ser humano? Para ele, quem está apto a responder sobre o que é o ser humano é a ciência médica, o ramo mais proeminente da metafísica. Sendo assim, visando buscar respostas para a célebre pergunta de conteúdo filosófico sobre o ser das coisas, na verdade, sobre o modo de ser dos entes em geral e não sobre sua constituição ôntica, Heidegger começa seu estudo elegendo o próprio ser

do ente humano como ponto de partida, visto ser ele o único dentre os entes no mundo capaz de se voltar reflexivamente em uma inquietação sobre o sentido de seu ser e também extensivamente sobre a questão do ser dos entes em geral.

Heidegger então percebe a necessidade de estabelecer essa diferenciação em termos de linguagem, e concebe o neologismo *Dasein*, um termo cunhado em alemão que, embora não seja de fácil tradução, pode ser traduzido como ser-aí, aquele que está lançado no mundo. Mas Heidegger esclarece, desde o início, que esse “estar lançado do mundo” não significa a existência de um mundo a priori desvinculado deste ser existente. Isto porque, em Heidegger, embora o ente humano inicie sua existência apoiando-se em conceitos impessoais, posto que a todos se aplicam, o ser humano é entendido como tendo um caráter de abertura, de decerramento de mundo, capaz de realizar-se nas mais diversas possibilidades de sua existência.

Dos desdobramentos decorrentes da filosofia contida em *Ser e Tempo* (1927/2002), Heidegger institui um marco teórico que fundamenta uma nova ontologia fundamental, a partir de uma inversão na ordem da análise dos entes em geral, focando como ponto de partida os modos de ser do ente humano, para então chegar ao próprio ente humano, o *Dasein*. E, a partir daí, ao ser de todos os entes intramundanos. O filósofo alemão então funda a Fenomenologia-Existencial, que surge a partir de uma bem elaborada fusão entre o modelo descritivo de Edmund Husserl (1859 – 1938) e o método compreensivo de Wilhelm Dilthey (1833 – 1911).

A analítica-existencial heideggeriana tem na sua origem a Fenomenologia como base, posto que esta representa um axioma para uma ontologia fundamental que se desdobra no postulado para as coisas mesmas, expresso pelo próprio filósofo ou seja, o fundamento de

uma demonstração, porém ela mesma indemonstrável. Em *Ser e Tempo* (2002, p.66), Heidegger se questiona a respeito da Fenomenologia como tema de estudo, visto que, para ele, em sendo o fundamento de todo saber, não tem como ela ser objeto de saber de uma ciência regional: “só não se entende por que deva constituir o título e lema de uma pesquisa”. Então, trazendo na forma original em que o próprio fundador se expressa, a fenomenologia “exprime o princípio de todo o conhecimento científico”. (HEIDEGGER, 2002, p.66) Desta maneira, a fenomenologia, que pode o mais, conforme o substrato acima, também pode debruçar-se sobre aquele que conhece, ou seja, o *Dasain*, servindo também de fundamento para uma clínica do cuidado em psicologia, visto esta encontrar-se projetada para o cuidado do Dasein, o ser-aí.

A Fenomenologia como Ciência Ontológica

Com o intuito de lançar luz sobre a possibilidade concreta de se estabelecer um conceito de fenomenologia, M. Heidegger inicia por um breve esclarecimento a respeito do entendimento do que seja um fenômeno. Segundo o filósofo, fenômeno é aquilo que se mostra, que se revela a si mesmo, em suas diversas maneiras próprias de ser. Fenômeno, então, refere-se aos entes em geral, em seu mostrar-se ou em seus diversos modos de manifestação. Segundo o autor, o fenômeno lança-se à luz de duas maneiras: ou se mostra ou aparece em forma de manifestação. Ao manifestar-se, o ente em si mesmo não se mostra, mas apenas se revela a partir de algo que se mostra. O fenômeno que não se mostrar em si, mas que apenas se manifesta, aparece através de sinais e sintomas que apontam para si (para o fenômeno). Nesse sentido, o revelado não se mostra, mas permanece oculto, uma vez que “manifestar-se é um não mostrar-se”. ((HEIDEGGER, 1927/2009, pg. 68)

Já quando se mostra, o fenômeno pode ser percebido em si mesmo. Todavia, o fenômeno percebido não é a coisa em si. Esta jamais poderá ser acessada ontologicamente, senão fenomenologicamente, ou melhor, à maneira da manualidade, em um contato primeiro do ser com o ente em sua aproximação originária, pré-instrumental, em um lançar-se anterior à compreensão, ainda na fase da disposição. Sendo assim, para que algo se manifeste como fenômeno e se mostre, Heidegger (2002) aponta a necessidade de que já estejam estabelecidos os existenciais disposição e compreensão

naquele em quem há estrutura de compreensão, dada a necessária dependência do fenômeno daquele ente que descerra mundos por seu caráter de abertura. Por outro lado, ao descerrar mundo, o ser-aí constitui-se a partir desse projetar-se em um mundo anteriormente amorfo e sem sentido específico. Trata-se, portanto, da interdependência que perpassa os membros constitutivos da unidade fundamental da existência, a qual Heidegger (2002) a concebe e descreve como *ser-no-mundo*.

É possível perceber que na análise acima lançou-se mão do método fenomenológico-existencial para se alcançar o objetivo de descrever e compreender as relações existenciais entre entes de diferentes estruturas, apresentando sua co-existência originária. Por esta razão é que, por debruçar-se assim sobre tais questões, buscando esclarecer as origens, aparições e demonstrações dos fenômenos, a fenomenologia pode então ser concebida e compreendida como sendo “a ciência dos fenômenos” (HEIDEGGER, 1927/2002, pg. 67), sendo ela mesma o fenômeno que se mostra como sendo a via de acesso para a percepção e a compreensão dos próprios fenômenos em si.

Na continuidade desta pesquisa, buscando as origens e transformações que sucederam à fenomenologia, encontrou-se também, nas concepções de Merleau-Ponty (1908-1961) acerca da percepção e da consciência, três entendimentos que aqui se compreende como fundamentais para a elaboração e compreensão da extensão do conceito de fenomenologia, assim como pragmáticos para estabelecer condutas práticas em uma clínica do cuidado. Em primeiro lugar, que a consciência é consciência perceptiva, o que nos possibilita conceber a percepção como sendo o meio originário e necessário de abertura capaz de proporcionar o espaço-tempo para que o percebido possa aparecer como ele é em seu campo de mostraçãõ.

Em segundo lugar, sua compreensão a respeito da natureza do corpo, concebido por este pesquisador como sendo o repositório dos mecanismos internos orientadores do fenômeno, concluindo que: “É por meu corpo que compreendo o outro, assim como é por meu corpo que percebo coisas. Assim compreendido, o sentido do gesto não está atrás dele, ele se confunde com a estrutura do mundo que o gesto desenha”. (MERLEAU-PONTY, 1945/1994, p.25, apud FEIJOO, 2014). Desse modo, ‘escutar’ o corpo torna-se de fundamental importância para o trabalho do psicólogo em uma clínica do cuidado, pois o gesto emitido pelo corpo às vezes contradiz, outras vezes corrobora o discurso emitido em fala pelo cliente. Esse ver o gesto do corpo como palavra que diz algo, que aqui se traduz como “escutar o corpo” nos remete ao pensamento de Sá (2005), em que esse ver que se transforma em escuta trata-se de “um salto de olhar, um salto em que se vê o que diz a palavra. Esse salto do olhar é aquele em que vê se transforma em escuta e, assim, em abertura para um sentido de porvir, para o temporal no ser, para um sentido de ser e tempo”. (Ser e Tempo, 2009, pg. 18)

Por fim, Merleau-Ponty, ao explorar as possíveis respostas ao questionamento “O que é fenomenologia?”, apresenta em Fenomenologia da percepção (1999) a afirmação de que “A fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo”. (MERLEAU-PONTY, 1999, pg. 1).

Assim, considerando as afirmações dos dois filósofos trazidos acima, pode-se concluir que a fenomenologia é a ciência que estuda a essência dos fenômenos. Ao analisar a questão do ser, a fenomenologia-existencial lança uma nova visão a respeito da essência do ser do ente humano - o ser-aí -, compreendendo que sua essência é a existência.

O Arcabouço Teórico e Metodológico da Fenomenologia-Existencial para uma Clínica do Cuidado

A negatividade estrutural de seu objeto de estudo

Uma abordagem teórica é um conjunto de pressupostos correlacionados que tratam da natureza do objeto de estudo de uma determinada ciência. Segundo SILVA, et al (2018), “uma teoria para que possa ser uma abordagem deve dispor de uma formulação teórica consistente e aplicações psicoterapias que comprovem efeitos terapêuticos”. Ainda segundo os autores, o conceito de abordagem contempla quatro noções, que são elas: Concepção de mundo, Identidade, Conceitos/pressupostos e Instrumental Técnico. Levando-se em consideração estas falas, passou-se a verificar se a fenomenologia existencial comporta esse conjunto de pressupostos e se eles tratam da natureza do seu objeto de estudos - o ser do ente humano (o Dasein) -, e sobre o ser dos entes em geral - as coisas -, com as quais o ser-aí se relaciona. Se sua filosofia fundamentaria o método, a técnica e a prática da análise existencial no exercício de uma psicologia do cuidado.

O estudo então focou sua atenção, em um primeiro momento, na capacidade de resposta ao questionamento a respeito de como é o entendimento do ser do ente humano na abordagem fenomenológico-existencial, ao qual a Fenomenologia-existencial responde: o ente humano é concebido como um ser indefinido,

incompleto e indeterminado, mas que se constrói a si mesmo a cada momento em que estabelece relações com outros *dasein* e com os demais entes intramundanos que vêm ao seu encontro (*ser-com*), a partir de escolhas particulares diante da facticidade do mundo (*ser-em*). Desta forma o indivíduo humano faz-se único em suas maneiras próprias de ser e estar no mundo. Como então conceituar e abordar o ser do *Dasain*? Somente por sua negatividade e por seus comportamentos emitidos diante das possibilidades decorrentes dessa negatividade. Assim, a negatividade estrutural do ser do ente humano se revela na medida em que nada pode ser de antemão conceituado sobre determinado ente humano a partir da aplicação de conceitos generalizantes obtidos a priori.

Segundo LESSA (2020), uma psicologia clínica que não compreende o homem como possuidor de um psiquismo ou de um funcionamento mental humano, deve fundar-se na facticidade da existência, ou seja, considerar este homem como sendo um ser constituído de seus comportamentos fáticos. Dito de outra forma: a fundamentação de uma clínica baseada em uma psicologia negativa, que nega a existência de um aparelho psíquico e que não está sustentada em hipóteses apriorísticas, deve “levar em consideração não estruturas ou tipologias universais, mas sim o ente singular que está a cada vez em jogo no fenômeno da existência - o *ser-aí*”. (LESSA, 2020). O ato de dispor o ente humano em um quadro de especificações nosológicas ou tipologias universais, além de provocar rotulações indesejadas, desconsidera a natureza das diversas possibilidades da existência humana e as respostas apresentadas pelo ente humano diante de suas questões existenciais, que podem estar fundamentadas em uma noção de mundo que lhe é própria.

A Noção de Mundo Concebida pela Fenomenologia

O “mundo da vida”, expressão originariamente cunhada por Edmund Husserl (1859 -1938), mais que um lugar onde os eventos cotidianos acontecem, é ele mesmo parte elementar desses eventos, em um entrelaçamento do ser-aí com-o-outro-no-mundo, mundo aqui na visão de HEIDEGGER (1927/2002) entendido como horizonte de sentido. Este mundo do ser-aí é constituído ontologicamente, ou seja, o ser-aí atribui sentido ao ente mundo e este então passa a ser para este dasein. Isto só é possível devido às características fundamentais do ser-aí (dasein), que são abertura e descobrimento. Sendo assim, se o Dasein fala sobre seu modo de ser, já mostra seu mundo ontologicamente constituído. Se o dasein fala de seu mundo, deve ser compreendido como desvelamento de seu modo próprio e originário de ser de forma concretizada.

É possível compreender que o mundo do ente humano consiste no resultado da manifestação da compreensão de seu todo como constituído de cuidado e abertura. Ao cuidar do que está a sua frente, transcende o simplesmente dado, revela o ontologicamente constituído e expande seus horizontes existenciais ao atribuir sentido às coisas e sua realidade, sendo-lhe possível conceber soluções inéditas para problemas existenciais antigos.

Desta forma, devemos renunciar ao pensamento racional causalista ao olhar os fatos, que nos impede o contato fenomenológico com a situação em si. É o que nos ensina o pensamento de Merleau-Ponty (1990) sobre a atitude de abertura como possibilidade para que

o fenômeno apareça no seu campo de mostraçãõ. Ele declara que: “devemos observar os fenômenos investigados de forma não empírica e não fazendo uso das leis da lógica”. (MERLEAU-PONTY, 1990, p.42). Mas cada solução traz consigo novos e enriquecedores desafios, que podem, mais uma vez, ser compreendidos como problemas, fenômenos que vêm ao nosso encontro.

Essa visão de mundo também é compartilhada por Amatuzzi (2009), que, no fragmento abaixo, nos traz um esclarecimento mais contundente sobre a natureza do mundo elaborada pela fenomenologia existencial.

Colocar-se numa perspectiva fenomenológica é envolver-se em um modo de atenção em que experienciamos com toda evidência que o mais concreto não é essa suposta “realidade-em-si” do mundo, o mais “concreto” é sempre o próprio acontecimento imanente da experiência enquanto dinâmica constitutiva de sujeito e objeto. O conhecimento do mundo nos inclui e dá-se a partir do nosso ser-no-mundo. Assim, na noção de mundo “não se trata da natureza enquanto realidade objetiva (estudada pela ciência positivista), mas do mundo que se dá na relação, que se mostra como fenômeno primeiro e que pode ser depois elaborado pelo pensamento “(AMATUZZI, 2009, p.95).

Em sua característica de transcendência, o ente humano especula-se sobre as várias possibilidades para o ente mundo e para si próprio, avançando do projeto impessoal rumo à própria singularização, em que cria um novo horizonte de compreensão e atuação. Desta forma, o que está oculto à consciência, o saber a respeito do próprio-poder-ser, do qual Heidegger fala em Ser e Tempo (2002), pode ser desvelado pelo próprio dasein, já que o oculto, em termos fenomênicos, não diz respeito a algo que há e que não é visto, mas a possibilidade de um novo modo de ser que pode ser concretizado.

A Constituição da Subjetividade Humana e a Noção de Ser-No-Mundo, de Martim Heidegger

Na visão da abordagem fenomenológico-existencial, a qual concebe o homem como um ser historicamente constituído, o processo de constituição da subjetividade humana deve ocorrer de forma a considerar a temporalidade como parte fundamental do mecanismo de constituição dessa subjetividade, a partir do ser-no-mundo. A responsabilidade de lançar-se no mundo, através de experiências cotidianas autênticas diz respeito à saída do modo de vida impessoal para alcançar o modo de ser autêntico. Para que tal se efetive é necessário que o processo de desenvolvimento do ente humano ocorra a partir mesmo de sua existência fenomenal em seu universo factual. Porém não é desta maneira que a existência tem ocorrido, devido a uma evidente instrumentalização do saber racional, que é utilizado de forma preponderante na constituição do sentido de ser do ente humano contemporâneo. De acordo com Heidegger (2002[1954]), isto tem ocorrido devido ao uso excessivo da técnica.

Encontramo-nos em um mundo com orientações que solicitam, a todo o momento, à produtividade e à ação. As referências à valorização do individualismo aliada ao conhecimento técnico científico moderno podem ter possibilitado ao homem se conceber como autônomo, em um mundo em que tudo passa a ser reduzido ao terreno da instrumentalidade?

No horizonte histórico, denominado por Heidegger (2002[1954]) de era da técnica, o homem autônomo da modernidade passaria a homem autômato, já que não mais ocupa o centro da atenção, cabendo esse lugar à tecnologia, que opera por meio da lógica da produtividade, funcionalidade, utilidade, exploração, estocagem e descartabilidade? (FEIJOO & DHEIN, 2014)

O ente humano, submetido a tais conhecimentos e direcionamentos previamente estabelecidos, fundamentadores de uma suposta matriz mais adequada de um modo ideal de ser para o ente humano, acaba por tornar-se um ser autômato, que passa a responder acriticamente e de maneira automatizada aos diversos conflitos existenciais inerentes ao ser do ente humano. O resultado dessa maneira de construção e instrumentalização da subjetividade humana, sem a interação ser-com o outro no-mundo, é um ente derivado de um modelo pré-estabelecido socialmente, afastado de seu modo próprio e natural de ser: um ente que vem a ser a partir de relacionamentos recíprocos com os demais entes humanos.

Essa forma impessoal de elaboração dos conceitos internos não tem levado em conta as incertezas da vida e os conseqüentes e necessários enfrentamentos inéditos e particulares resultantes das possibilidades de ser do ente humano em cada caso concreto, em que o *da-sein* experimenta-se nas mais diversas vivências autênticas no mundo. O ente humano acaba por constituir-se apenas a partir de verdades pré-estabelecidas por outrem. As conseqüências de tal fenômeno é um ente desprovido da verdadeira natureza crítica a respeito de si mesmo e de seu em torno.

Segundo Gonçalves JR (2005), ao submeter-se deste modo a este universo impessoal “o eu como identidade mistura-se e esgota-se no ser-social. Na inautenticidade, expressa pela impessoalidade, o homem dilui-se

na publicidade da maioria e torna-se o ‘homem-massa’”. O autor aponta ainda que Bollnow (1946) ao analisar os efeitos decorrentes de uma atitude inautêntica como essa, resume da seguinte forma:

Na coletividade anônima desta total impessoalidade absorve-se e morre toda a particularidade individual; tudo resulta uniforme sob a ação deste poder invisível e irresistível. O homem deixa de ser ele-próprio para nele viver apenas esse ‘se’”. (BOLLNOW, 1946, p. 70, apud GONÇALVES JR, 2005)

Pode-se então dizer que, na contemporaneidade, ao se constituir, o ente humano tem se desenvolvido a partir de compreensões apriorísticas, abrindo mão do estar próprio no mundo, não se permitindo experimentar interações socialmente capazes de possibilitar oportunidades de escolhas propícias a que o ente constitua-se a si mesmo pela via de relações autênticas consigo mesmo e com os demais entes. Pelo contrário, elabora sua constituição a partir de um projeto pré-aprovado socialmente, que desconsidera sua individualidade e a alteridade do outro, e que diz respeito a um modo de ser ideal, concêntrico, adaptado. E por que não dizer, adequado ao contexto das objetivações do saber científico.

Esta subjetividade social, descrita acima, pode ser considerada como a permanência naquele estado primeiro no qual todo ente humano inicialmente se encontra, visto que, conforme Heidegger (2002) estabelece, todos nascem na impessoalidade. Entretanto, assim permanecendo, o humano transforma-se em um ente inautêntico, incapaz de compreender-se como único e ao mesmo tempo de estabelecer distinções quanto ao seu semelhante, por não apresentar uma bem elaborada compreensão do binômio ser-para-si/ser-para-outro.

A disparidade entre a realização de projetos pré-estabelecidos socialmente em detrimento do projeto apontado por Heidegger (2002), marcado pelo movimento de poder-ser, conduz a um modo de ser atravessado por uma contínua dissonância cognitiva. Isso acontece porque o ente humano constitui-se de abertura e liberdade, esta representando a negatividade ou ausência de pressuposições e conceitos estabelecidos previamente. Ou seja, ao submeter-se a projetos pré-aprovados, o ente humano perde o principal fator de sua essência: a possibilidade própria de poder-ser. No tocante a isso, Magliano (2013) faz a seguinte reflexão:

O pensamento e o comportamento humano encontram-se, na modernidade, gradativamente identificados aos procedimentos técnicos que, ao mesmo tempo que fornecem um âmbito de possibilidades ao homem, também o circunscreve e limita em suas possibilidades de compreensão de si mesmo e do mundo no qual se situa.

Sendo assim, o ser-aí, ao desconsiderar a negatividade de sua constituição originária marcada pela indefinição, indeterminação e incompletude, passa a existir em um movimento contínuo no sentido de insistir na posição inautêntica, colocando-se fora das possibilidades de autodeterminar-se e de perceber e afirmar a própria singularidade e a alteridade do outro, perdendo de vista tanto a própria autonomia como não reconhecendo a autonomia do outro. Isto ocorre porque, segundo Magliano (2013), “na decadência, o *Dasein* desvia-se de si mesmo, ou seja, compreendendo-se pela interpretação do cotidiano impessoal, não se compreende de maneira autêntica“. Consequentemente, o ente humano mostra-se incapaz de manter a abertura necessária para a percepção e concretização de suas possibilidades, através do estabelecimento de relações mútuas

autênticas com os demais entes humanos.

Em decorrência disso, o ente humano apresenta um modo de ser que vê no outro uma extensão de si mesmo, que deve agir como ele próprio age, sem reconhecer as diferenças essencialmente perceptíveis. Eis a dicotomia do individualismo positivista: o indivíduo não reconhece o indivíduo como diferente. Mas pressupõe uma igualdade naturalizada, desconsiderando ou negando toda singularidade própria de cada ente.

Entretanto, o ser-aí, ou *dasein* heideggeriano, é o ente que tem a possibilidade de autogerir-se e de ser o ente que a si mesmo se constitui a partir de vivências reais de apropriação e entrega ao mundo de que faz parte. Sendo o oposto daquela notável forma de constituição humana acima descrita, o ente que aqui se busca demonstrar, apresenta-se a partir de uma nova concepção de homem, conforme Heidegger (2002) a tematiza, e que diz respeito àquele que a si mesmo se essencializa em sua existência. Em sua natureza fundamental de existente, é um ente de possibilidades que se mostram pela abertura, e pela entrega ao mundo do qual é parte. Ao mesmo tempo em que se entrega ao mundo, efetua escolhas de atitudes e tarefas de ocupação e cuidado, capturando, desse modo, o mundo historicamente constituído através de suas experiências de vida.

Logo, em um processo de desenvolvimento de um ente de incertezas e de descobertas a partir de seu lançar-se no mundo, tal qual o pensado por Heidegger (2002), não é dado ao outro o poder de estabelecer pressuposições, mas apenas compreender e descrever vivências circunstanciais. Para constituir-se a partir de sua essência originária de abertura e liberdade, é necessário que o ente humano permita-se entrar em contato com sua própria maneira de ser e agir, tendo em vista sua elementar necessidade de autoconstituição de si mesmo.

A constituição do ente humano a partir de sua indeterminação, vazio e abertura somente pode ser possível se as estruturas de desenvolvimento socialmente constituídas forem baseadas em uma filosofia pautada em uma negatividade, notadamente a aventada por Martin Heidegger em *Ser e Tempo* (2002), que não pressupõe uma essência a priori, mas que possibilita a realização na experiência prática no mundo, em que o ser-aí torna-se ele mesmo a partir de sua existência, e que responsabiliza-se pelas conseqüências naturais de seus atos, a partir da compreensão de que é um ente incompleto, indeterminado e em contínuo vir a ser, mas que, desde já, encontra-se em estado de constituição e apropriação de si mesmo.

Essa essência não substancializada do ser-aí, concebida por Heidegger (2002) como constituição fundamental, não deve ser entendida como um vazio total, mas indica a possibilidade do poder-ser único do ente humano em seu projeto de vida, através do descerramento do mundo, que torna-se o ambiente necessário e constituinte para que tais possibilidades se realizem concretamente. Este lançar-se em realizações, Heidegger tematiza em *Ser e Tempo* (2002) como um anteciper-se a si mesmo, somente possível ao ente humano, que possui um conhecimento prévio de seu modo próprio de estar no mundo e sobre suas diversas possibilidades de ser.

Uma Nova Compreensão sobre os Modos de Existir do Ente Humano

A existência humana pode ser compreendida como sendo os próprios modos de existir do ente humano que se apresentam em forma de ações apropriativas das possibilidades, ou seja, ações e pensamentos que atribuem sentido ao mundo e que abrem caminhos por onde o existente possa seguir. Esse modo de existir do ente humano é concebido por Heidegger (1927/2002) como sendo cuidado, que é exercido pelo ente humano em seu mundo circundante. Por outro lado, por considerar que o existente está sempre sendo, Heidegger compreende que mesmo as atitudes de preocupação são parte integrante da condição humana constituída por cuidado.

Os estudos de Martin Heidegger (1927/2002) assinalam que a existência é a relação entre o ser-presente e o poder-ser-próprio deste ser-presente. Dizendo de forma mais clara: existir é um desafio em que o ente humano projeta-se no aí cotidiano, em tarefas exercidas junto aos demais entes que vêm ao seu encontro. Essas atitudes representam um antecipar-se-a-si-mesmo, pois são ações que o ser-aí se propõe a realizar a partir de um saber próprio de suas possibilidades. Por este motivo é que Heidegger (1927/2002) nos ensina: “a vida só pode ser vivida por aquele a quem a vida pertence”, por conhecê-la e ser capaz inclusive de transcender sua realidade atual, posto que conhece seu poder-ser-próprio e suas possibilidades existenciais. Esse entendimento sobre a existência humana também

é compartilhado por Lessa (2003), que vê como fator principal para a apropriação da própria existência a aceitação da condição atual em que o ente se encontra para então avançar em seu projeto original de poder-ser.

É importante que você aceite onde você está, como você é, e a partir desse ponto comece a se aperfeiçoar, mas partindo de como você é. Sendo autêntico você assume a responsabilidade por todas as suas escolhas existenciais, aceita correr os riscos que forem necessários para atingir os seus objetivos, e passa a encontrar amparo e segurança em si mesmo. Com isso, apropria-se da existência, torna-se indivíduo, torna-se autônomo, torna-se dono da sua própria vida, dono da própria existência, torna-se senhor de si mesmo. (LESSA, 2003)

Dentre os modos de poder-ser-próprio do ente humano, encontramos a ocupação. Já nascemos em um mundo de ocupações, ou seja, nossa existência é caracterizada inicialmente pela ocupação. Ocupamo-nos na medida em que os entes intramundanos se nos apresentam como instrumentos e servem de meio para que possamos existir, ou seja, nós os contemplamos, nós os tocamos, nós os ingerimos, por exemplo. A partir dessas experiências originárias o *dasein* passa a engendrar um mundo compreensivo, dando significado às coisas, a partir de sua objetivação. Por outro lado, simultaneamente ao contato com as coisas, o *ser-aí* se relaciona com os outros entes humanos, sendo que, com estes, o cuidado existe a partir da atribuição de sentido aos relacionamentos. A distinção necessária para lidar e dar sentido aos entes que vêm ao encontro faz parte das características humanas, dada a sua constituição originária de compreensão.

A compreensão, por sua vez, só é possível considerando que o *Dasein* comporta uma disposição que

lhe é inerente. Na compreensão o ser-aí sai do modo da manualidade para a representação esquemática dos diversos sentidos atribuídos aos entes intramundanos, inclusive o sentido de si próprio, que, devido a um certo esquecimento do ser, pode passar a compreender-se como um ente que foi de fato jogado em um mundo que lhe foi construído a priori, e não constituído a partir de seu modo próprio de ser.

Mas o mundo em que se encontra é seu mundo ontologicamente construído a partir de suas experiências originárias com os entes que se lhe apresentam como instrumentos. Estes entes que agora estão ou que se apresentam de certa maneira em seu derredor não detêm mais sua estrutura amorfa de entes simplesmente dados, mas são resultantes da ação do ser-aí em suas possibilidades de des-encobrimento do sentido de ser dos entes em geral. O ente mundo, assim também, é desvelado a partir da atribuição de sentido a suas partes componentes originárias - os entes em geral -, inclusive o próprio Dasein.

O Cuidado como Constituição Fundamental do Ser-Aí (Dasein)

Devemos considerar, em primeira linha, as investigações de Martin Heidegger (1927/2002), que tratam o fenômeno do cuidado como constitutivo do ser do Dasein, sendo o modo de existir do ente humano. O cuidado, nas palavras do filósofo alemão, representa a totalidade do ser, e nele, no cuidado, subsiste o sentido de ser. Ao compreender o ser do ente humano como constituído por cuidado, a fenomenologia-existencial de M. Heidegger (2002, pg.300, seção I), passa a conceituar o cuidado como sendo o ato de projetar-se nas possibilidades, a partir da aceitação do presente, conscientizando-se de que o passado é a sua parte que não pode ser mudada, mas que o presente em sua formação mais completa é constituído também de futuro. É possível apreender que nas possibilidades de futuro encontramos a mudança, através de atuações no presente, nas possibilidades que se apresentam no presente. A abertura da consciência é a ferramenta que possibilita a visualização da transformação do presente que ocorre a partir da fusão entre possibilidades presentes e o presente já cristalizado pela temporalidade passada. A compreensão e apreensão dessa visão representa o cuidado como modo de ser, em uma antecipação daquilo que ainda não é, mas que pode vir a ser, atingindo o ser completo que se é: seres de poder-ser.

O cuidado, tal como Heidegger nos ensina em *Ser e Tempo* (2002), é um modo de ser que se diferencia dos modos de ser dos entes simplesmente dados (as coisas),

que, em sua constituição, apresentam como características a manualidade, o ser simplesmente dado e a realidade. Estas características formam um todo indivisível inerente ao ser dos entes dados. Todavia, o ser do Dasein possui em sua essência um caráter de abertura, de ser apenas um ser de possibilidades. Ora, se conforme as palavras do filósofo alemão, “a compreensão do ser como ente só é possível se o ente possui o modo de ser do dasein” (p. 280), o ente precisa avançar da condição de ente coisificado em que se tornou para reassumir sua condição de existente, maneira única possível para o ente humano.

O cuidado, segundo o entendimento heideggeriano, muito mais que um evento isolado, consiste no modo de ser primordial do Dasein, seu modo de poder-ser, projetado no horizonte aberto de suas possibilidades. Sendo assim, o cuidado é um estado anterior, mais originário, em que as relações se dão de tal modo que o ser do Dasein se confunde com seus modos de ser. Já que, essência e existência se distinguem mas não se separam, ao existir, o Dasein se essencializa. Logo, essa essência, conforme LESSA (2019) nos ensina no trecho abaixo, diz respeito à mobilidade prática do Dasein, que é o movimento que de fato concretiza a ação de cuidar:

O sentido fundamental da mobilidade fática da vida é o cuidar (curare). No ‘estar dirigido para algo’, ou com vistas ao que do cuidado se faz presente, o respectivo mundo. A mobilidade do cuidado tem o caráter da lida da vida fática com o seu mundo. (M.Heidegger, Interpretationes fenomenológicas de Aristóteles, Madri: Editorial Trotta 2002, p.14, apud LESSA, 2019)

Logo, quando buscamos compreender no que consiste o fenômeno do cuidado, nos deparamos com o fato de que cuidado pode ser compreendido como um

correlato para a existência humana. Sendo assim, qualquer compreensão a respeito dos comportamentos humanos, no sentido de enquadrá-los no binômio das propriedades e impropriedades do ser, fere o que de fato eles representam: formas mais originais de ser do ente humano. Seja naquilo que, de forma valorativa, chamamos de comportamentos impróprios, ou nos próprios, ali reside ainda uma maneira peculiar de cada ente humano em seu estar sendo no mundo.

Em consonância com o pensamento de M. Heidegger (1927/2002), o conceito de cuidado apresentado neste trabalho difere do conceito de cura sustentado pelas ciências naturais e hegemonicamente aceito neste século XXI. Todavia, o que se pretende é trazer à luz um conceito de cuidado que seja mais pertinente para lidar com as questões da existência do ente humano, inspirado nas concepções de M. Heidegger.

As investigações de Martin Heidegger (1927/2002) propõem-se a esclarecer a relação existente entre o fenômeno do cuidado e o ser do Dasein, demonstrando ser este o modo de existir do ente humano. Desta forma, faz-se necessário esclarecer, desde logo, para maior compreensão do tema, no que consiste o fenômeno do cuidado em relação ao dasein. O cuidado, nas palavras do filósofo, “representa a totalidade estrutural do ser, e nele, no cuidado, subsiste o sentido do ser” (HEIDEGGER, 1927/2002, pg.300, seção I).

Prosseguindo com a elaboração da caracterização do cuidado, Heidegger conceitua o cuidado afirmando:

O cuidado caracteriza não somente a existencialidade, separada da factualidade e de-cadência, como também abrange a unidade dessas determinações ontológicas. O cuidado não indica, portanto, primordial ou exclusivamente, uma atitude isolada do eu consigo mesmo. (HEIDEGGER, 1927/2002, pg.262, sessão I)

Considerando a correlação entre as determinações ontológicas atribuídas ao cuidado e os fundamentos ontológicos atribuídas ao ser do Dasein, pode-se concluir que o cuidado é a maneira mais fundamental de existir. O conceito de cuidado foi formulado por Heidegger em sua obra *Ser e Tempo* (2002) e representa um agir no mundo junto aos outros.

Na compreensão do cuidado como apreensão do ser-total, deve-se ter em mente as duas possibilidades do ainda-não-ser de que Heidegger (2002) fala: “há aquele ainda-não-ser que diz respeito tão somente a não percepção do ser total em termos da unidade real existente”. A respeito desta parte do ser ainda não completamente integrada ao todo constitutivo do ser, mas que já existe no ente humano, o existencialismo de Heidegger assevera tratar-se apenas de limitação ontológica, uma vez que, em alguns casos, a existência apresenta determinadas possibilidades ou modos de ser que ainda não se encontram percebidos na totalidade do ser presentemente constituído. Tais modos possíveis de ser devem ser percebidos, compreendidos e interpretados, possibilitando ao ente humano ser seu todo-próprio. Porém, segundo Heidegger (2002), esse ser-todo-próprio que é possível a cada ente humano alcançar guarda um ainda-não-ser fundamental, que se refere à incompletude constitutiva humana.

A percepção da existência humana de uma maneira encurtada por parte do ser-aí, que tenta a si mesmo compreender, provoca uma distorção na concepção da real imagem de si mesmo. A angústia, decorrente dessa compreensão empobrecida de si mesmo, que não alcança seu ser-todo-próprio, pode ser desconstruída pela viabilização da percepção de todas as possibilidades de ser que constituem seu ser-todo-próprio, caso contrário adiciona-se à angústia necessária e fundamental do não-ser constituinte e originário do Dasein. É o

que normalmente causa a potencialização da angústia, muitas vezes compreendida como patologia.

Esta parcela da existência que está, mas que ainda não é percebida pelo ser-aí, trata-se da possibilidade do ser-aí avançar em suas diversas maneiras de ser, sejam elas autênticas ou inautênticas. Entretanto, o *Dasain* guarda um ainda-não-ser inerente a sua própria existência. Quanto a estes dois modos de poder-ser, Heidegger (2002) os distingue da seguinte forma:

*Esse ainda não-ser refere-se unicamente à apreensão perceptiva. Todavia, o ainda-não que pertence ao *Dasein* não apenas se mantém, provisória e momentaneamente, inacessível à experiência própria ou estranha como, sobretudo, ainda não é “real”. (Heidegger, *Ser e Tempo*, 1927/2002, pg.24, Sessão II)*

Segundo Heidegger (2002), o ser completo que se é, trata-se de um poder-ser. Quando elabora o conceito de cuidado como modo de ser primordial do ente humano, Heidegger afirma: o cuidado é o projetar-se nas possibilidades, em uma antecipação daquilo que ainda não é, mas que poderá vir a ser, atingindo-se o ser completo que se é – seres de poder-ser. Ou seja, para Heidegger, ser completo trata-se de uma antevisão das possibilidades e de um lançar-se nelas, em um movimento de transcendência da realidade atual.

A transcendência a que Heidegger se refere, entretanto, difere daquela em que o ente humano, supostamente, ultrapassa as fronteiras do mundo cotidiano em que os entes humanos se encontram, para alcançar um universo transcendente. Este ser completo, ser de poder-ser, que certos entes humanos ainda não se percebem, é aquele que Heidegger entende como um ainda não ser que pode ser alcançado ontologicamente. O segundo ainda não ser, que não está acessível nem à

própria experiência nem a de terceiros, trata-se das impossibilidades inerentes ao ser do ente humano, como, por exemplo, não poder voar ou não poder passar uma hora sem respirar. Este não-poder-ser ou ainda não-ser, inclusive, é também inerente ao modo de ser dos entes em geral, na medida em que ao se construir um aparelho de telefone celular, por exemplo, ele jamais poderá servir para cozinhar uma carne tal qual uma panela. Isto, no entanto, visto sob uma outra perspectiva, a perspectiva da instrumentalidade. No caso do ente humano, trata-se da aceitação de que não se pode ser tudo, consequência da compreensão do ser de si próprio como incompleto, indefinido e indeterminado.

O Método da Abordagem Fenomenológico-Existencial na Clínica

Agora que ficou esclarecido e compreendido no que consiste o fenômeno do cuidado em relação ao *dasein*, podemos seguir em frente com a descrição do exercício do cuidado na clínica psicológica. Segundo Heidegger (*Ser e Tempo*, 2002, p. 66) fenomenologia é a expressão conceitual do método na análise existencial: “fenomenologia significa, antes de tudo, um conceito de método.” Ela está voltada para a análise e investigação dos entes em geral, as coisas, e do modo de ser do ente humano. Porém, diferentemente das ciências naturais, que utiliza seu método de investigação das coisas para o estudo do ser do ente humano, sem considerar qualquer diferença constitutiva, a análise existencial, ao fazer uso de seu método no contexto humano, muda o questionamento quanto ao ser do homem, buscando compreender os modos de ser deste ente singular.

O entendimento decorrente da leitura do texto de *Ser e Tempo* (2002) nos possibilita compreender que o método fenomenológico apresentado por Martin Heidegger difere do método proposto por Edmund Husserl¹. O método fenomenológico não se trata de regras e

1 Edmund Husserl propõe um método fenomenológico que consiste na aplicação das reduções e análises eidética, que diz respeito aos fenômenos percebidos, a redução transcendental, que se refere ao próprio ser humano, a busca pelo que lhe é de mais essencial e originalmente humano, a condição humana apriori, e a redução histórica, a redução do mundo-da-vida, redução generativa, esta que é relativa ao contexto histórico do mundo em que vivemos, em que fomos lançados, conforme Heidegger (2002).

procedimentos a serem seguidos e dos quais parte para o paciente tarefas e procedimentos a serem seguidos. O método fenomenológico trata-se de um não apriori, em que não há espaço para sujeito e objeto, em que o sujeito seja o analista e o objeto seja o paciente, sendo este analisado, estudado e compreendido pelo sujeito/analista.

Assim, uma sessão de análise constitui-se de uma dialética em que, embora possa parecer que o terapeuta saiba mais sobre as questões do ente a sua frente, o terapeuta ocupa mesmo é o lugar de abertura diante da abertura do ente em seu mostrar-se. E, em uma espécie de dialógica em que ambos são perpassados por uma relação de compreensão, é possibilitado ao ente uma dupla abertura: a primeira de mostrar-se, e a segunda de permitir-se perceber, compreender e interpretar vivências possibilitadas pelo processo de análise, apoderando-se das possibilidades que ali se apresentam, tornando-as parte de seu ser histórico. Sendo assim, cada sessão de análise não é algo que possa ser compreendido como um evento externo à existência dos entes ali presentes. E o ente que se constitui historicamente, acaba se reconstruindo por meio de uma análise, que é um gesto de escolha intencional. A presença de uma análise na existência de uma pessoa representa a abertura de novos horizontes, de novos saberes, de novos conhecimentos sobre si. Isto é cuidado. Cuida de si ao mesmo tempo que é cuidado pelo outro. Desta forma, fica clara a constituição originária do ser do ente humano como constituído por cuidado, visto que, tomando o caso clínico concreto em que um ente humano é tratado em um processo de análise, ao cuidar de si, o cuidado não existe sem o outro.

Mas se aqui se almeja apresentar a fenomenologia como método que se propõe a distanciar-se do método positivista, compete apontar em que constitui o fazer do psicoterapeuta fenomenológico-existencial a partir do

entendimento do que seja Psicoterapia. O Conselho Federal de Psicologia define Psicoterapia no artigo 1º da RESOLUÇÃO CFP N.º 010/00, DE 20 DE DEZEMBRO DE 2000:

A Psicoterapia é prática do psicólogo por se constituir, técnica e conceitualmente, um processo científico de compreensão, análise e intervenção que se realiza através da aplicação sistematizada e controlada de métodos e técnicas psicológicas reconhecidos pela ciência, pela prática e pela ética profissional, promovendo a saúde mental e propiciando condições para o enfrentamento de conflitos e/ou transtornos psíquicos de indivíduos ou grupos. (RESOLUÇÃO CFP N.º 010/00 DE 20 DE DEZEMBRO DE 2000)

No presente caso da Fenomenologia-existencial, diz-se que esse proceder se dá a cada vez em que ocorre uma sessão psicoterápica. Sendo assim, o método fenomenológico é um processo necessariamente dependente da relação que se dá entre dois entes a partir de sua abertura, que permite aos fenômenos se mostrarem para uma possível análise ontológico-fenomenológica. Essa abertura se dá em ambos os entes, e constitui-se de um abrir-se para revelar-se ao outro e para compreender-se a si mesmo, conhecendo as próprias possibilidades que lhe são constitutivas. Desta forma, a clínica psicoterápica do cuidado busca permitir ao ente humano um processo de abertura e compreensão de seu mundo pessoal, visando que as fronteiras hermenêuticas sejam movidas e alargadas a partir de suas próprias ações apropriativas.

Na esteira do que foi apresentado por M. Heidegger em *ser e Tempo* (1927/2002), de que o ente humano está em um processo de eterno vir a ser, em devir, cada ente que adentra a clínica em busca de cuidado em psicoterapia, para que venha a alcançar a sua

maneira própria de ser, não deve ser visto sob a lente de teorias e modelos cunhados apriori, sob os quais deve-se perceber e desenvolver. Isso, segundo Heidegger (1927/2002) representaria a desvalorização do poder-ser-próprio de cada ente que procura um psicólogo, sendo-lhe desta maneira desconsideradas as necessidades e aspirações próprias e individuais de cada ente humano em nome de um estilo adaptado de ser.

Por esta razão muito esclarecedora a exposição do fundamento fenomenológico-existencial para uma clínica do cuidado, em que Lessa (2011) possibilita a apreensão no sentido pragmático daquilo que está em Heidegger em sentido filosófico. Em Lessa (2011), o método fenomenológico praticado pela fenomenologia existencial recebe uma luz que torna transparente o fazer clínico no processo psicoterápico ao apontar para a compreensão em substituição de uma explicação, levando a termo uma prática compreensiva do homem e de suas vivências, através de uma observação fenomenológica dos fenômenos da existência e sua descrição sem conotações apriorísticas.

Ora, segundo Heidegger (1927/2002) nos ensina em Ser e Tempo, o ente humano é historicamente construído, e compreender-se apenas a partir de fenômenos isolados, constitui uma maneira inautêntica do existente se reconhecer. Portanto, falando da maneira mais pragmática possível sobre a ação na psicoterapia, dir-se-ia que o que se busca na análise é permitir ao ente perceber e entrar em contato com suas experiências originais, pré-ontológicas, bem como com suas escolhas efetuadas a partir de conceitos e pressupostos elaborados por outrem e que não representam sua realidade pessoal, mas que tão somente o impedem de compreender-se como autônomo e responsável pela realidade existencial em que se encontra presentemente.

A clínica fenomenológico-existencial é o horizonte

existencial em que ocorre a integração entre teoria, método e existência, e nela o paciente nunca é visto como objeto a ser estudado, mas sim em sua característica de vir a ser que ali pode se realizar a partir de uma relação mais significativa consigo mesmo, com o mundo e os demais entes humanos. Nesse realizar-se comparece o ato do pensamento crítico, o qual levará o paciente a um novo nível de autonomia. Ali pode desenvolver um modo de ser que levará consigo para qualquer espaço de seu novo mundo, mundo este por ele mesmo construído, do qual a clínica também faz parte. Devemos também considerar que para se atingir o propósito do fazer psicológico na clínica, faz-se necessário que o jogo empático esteja sempre presente no espaço clínico psicoterápico como fundamento de identificação e interação entre psicoterapeuta e cliente.

O jogo empático ocorrido no espaço psicoterápico é de fundamental importância para a liberação sem julgamento do cliente a fim de que ele encontre seu próprio caminho para a solução de suas questões existenciais. Assim é que a clínica fenomenológico-existencial tem por objetivo possibilitar ao cliente o ambiente necessário para que ele se reconheça em seu modo próprio de existir, compreendendo sua necessidade de desenvolver um olhar mais crítico sobre seu mundo circunvizinho, tornando-se assim capaz de fazer escolhas mais assertivas e apresente atitudes interventivas mais conscientes e condizentes com sua maneira própria de existir.

O ser-aí está sempre sendo, e sendo, coloca em jogo o seu poder-ser. Isso significa que ele é sempre possibilidade de ser alguma coisa, não pode ser determinado a partir de características que são possibilidades e não qualidades arraigadas. No entanto ele tem que ser, e ser quer dizer ser num mundo que já lhe é aberto, compreendendo-se de determinados modos. Embora infinitas, suas possibilidades de ser são dadas

Devemos compreender que, no processo de tornar-se si-próprio, e alcançar a consciência de si mesmo, o Dasein especula-se através do empreendimento de um questionamento sobre seu modo presente de existir. Então, em uma atitude fenomenológica, através de uma epoué, despe-se de suas supostas verdades existenciais, lança-se para as possibilidades existenciais presentes, bem como movimenta-se no sentido de compreender e interpretar os eventos agora vividos, atitudes que possibilitam a atribuição de um novo sentido a sua existência. Reestrutura seus conceitos sobre suas vivências passadas, para então permitir-se relançar-se para a vida de possibilidades novamente, agora assumindo o cuidado de si mesmo. A partir de então ele estará pronto para seguir em frente em novas vivências e interpretações mais adequadas a respeito de si mesmo, de sua própria existência e do mundo do qual é constituinte e constituído.

É nesse exercer no mundo e junto aos outros que o ser-aí concretiza a realização de todo seu poder-ser-no-mundo, através da abertura e do descobrimento que lhe são inerentes, e que possibilitam trazer à luz aquilo de seu ser que está oculto de sua própria consciência. É então que, a partir de uma compreensão mais originária de seu ser como ser intramundano, incompleto e indeterminado, consegue desenvolver, dentro das possibilidades que lhe são apresentadas, uma interpretação que lhe permita uma compreensão mais apropriada de sua estrutura existencial completa, constituída de possibilidades reais de intervenção em seu mundo existencial, que é decorrente de sua maneira particular de ser e que constitui sua própria existência.

Portanto, ao pensar uma clínica fundamentada

na negatividade, deslocada do pensamento metafísico sobre o ser do ente humano, e que não se sustente nos princípios da teoria causalista, pode-se pensá-la como assentada sobre um novo signo, o signo do cuidado, tendo por fio condutor os ensinamentos de Martin Heidegger, evocados por Barreto (2011), que nos ensina que “ao pensar a clínica como cuidado, a ação clínica desloca-se do âmbito das teorias e técnicas psicológicas para aquela da existência”.

Cuidado, ao modo de Heidegger, remete à configuração da existência humana que se apresenta como “estrutura de cuidar”, dimensão ontológica do Dasein constitutivamente compreendido como temporalidade. (...) Tal compreensão de cuidado aponta para outra compreensão da ação clínica do psicólogo que, ao assumir a clínica como modo próprio de cuidar, afirma a importância de dar sentido às vicissitudes da existência como também à implicação/afetação da presença do psicólogo clínico que cuida das diversas funções do cuidar. (BARRETO, p. 39)

Portanto, considerando que o existir do ente humano diante de nós na clínica é um fenômeno a ser desvelado pelo psicoterapeuta, e que compreender o modo geral de ser do cliente se faz necessário para uma atuação psicoterápica mais efetiva, devemos sempre partir da observação da manifestação dos fenômenos que ocorrem na clínica, presentes nas falas, expressões e atitudes do cliente, para avançar para o geral da existência do cliente, que ultrapassa o empírico apreendido pelo psicoterapeuta na clínica.

Depreende-se então, do que já foi dito até aqui, que o método de investigação a ser utilizado em uma clínica psicoterápica de natureza não hipostasiante, vem necessariamente ao encontro da proposta oferecida por Martins Heidegger em sua analítica

existencial-fenomenológica, que é parte inerente da abordagem Fenomenológico-Existencial, cujo arcabouço teórico busca possibilitar a fundamentação teórica e a instrumentalização prática na clínica praticada sob o viés dessa mesma fenomenologia-existencial. Entende-se que ao empreender uma investigação fenomenologicamente orientada, buscar-se-á compreender e descrever a experiência observada, não havendo preocupação com causa ou efeito, ou com a origem psíquica dos eventos vividos e observados no cliente, conforme preconizou Merleau-Ponty (1994). A observação fenomenológica como instrumento do método praticado pela clínica psicoterápica do cuidado, ao buscar alcançar o ente humano presente na clínica, em seu poder-ser próprio, que se manifesta a partir de seus comportamentos fáticos, acaba por deparar-se com o corpo como presença do ser que se é – o ser-aí.

Merleau-Ponty (1990) também já apontava o instrumento através do qual tudo se revela e é percebido – o corpo – por onde a compreensão do outro e das coisas é alcançada. É preciso, portanto, “escutar” com os olhos os gestos do corpo. E toda a existência do ente vai sendo desvelada e compreendida na clínica, porém, passando a atribuir sentido não aos momentos anteriormente vividos, mas para as atitudes agora apresentadas no contexto presente, para a estrutura do mundo que ora se constitui pelo gesto atual.

Neste prisma, considera-se que o corpo é emissor de vida, visto que gesticula, posto que movimento é vida e vida é movimento. Por conseguinte, devemos estar atentos para o fato de que “o sentido do gesto está no porvir, em cada estrutura que ele gera, à frente, na vida, e não atrás” (Merleau-Ponty (1945/1994, p.25). Sendo assim, ao perceber o fenômeno, que só aparecesse no seu campo de mostraçã, e na dependência da correlaçã com o ser-aí, nós, como psicólogos, devemos apenas

compreender, descrever e interpretar a essência da descoberta, que se encontra na relação ocorrida. Porém, nada de estranho deve ser acrescentado nessa interpretação, visto que, segundo Heidegger (1927, p. 10) “uma interpretação ontológica deve liberar o ente na constituição de seu próprio ser”. Neste sentido, a atitude do psicólogo que atua em uma psicoterapia do cuidado, ao constituir-se de abertura, compreensão e descrição, possibilita o estabelecimento do ambiente necessário para que o ente humano em análise permita-se assumir o controle desta constituição a partir de uma reflexão sobre o sentido de suas próprias vivências.

O Método Fenomenológico como Instrumento de Descrição do Fenômeno que se Mostra na Clínica

A proposta heideggeriana de utilização de um método não estabelecido em premissas generalizantes a respeito dos modos de ser do ente humano repousa no fato ontologicamente observado de que cada evento em que há a presença de seres humanos, não obstante seja único, é percebido de modo singular por cada um dos entes humanos ali presentes, embora haja uma familiaridade entre as diversas percepções individuais do fenômeno. Desta forma, considerando este aspecto inerente à percepção humana, a escuta em uma clínica fenomenológica deve se dar de forma particularmente compreensiva com vista a alcançar o fenômeno em sua singularidade própria.

Sendo assim, na condução dos trabalhos clínicos pautados pela fenomenologia-existencial, procura-se empreender uma análise das situações observadas na clínica, a partir das próprias descrições fornecidas pelo cliente atendido, observando-se o contexto histórico e estrutural em que ocorreram, buscando compreender como se desenvolveram as manifestações para onde a consciência do cliente se volta, revelando as especificidades históricas de sua aparência fenomênica, bem como a compreensão e o sentido atribuído a tal contexto histórico, através de pressupostos estabelecidos pelos clientes em forma de pensamentos e concepções que possibilitaram que tais dilemas se fizessem presentes.

Esta escuta que se manifesta através de uma atenção clínica voltada para a fala dos clientes tem por objetivo compreender as vivências a partir da perspectiva do cliente, evitando apriorismos e visando a clareza na escolha de ações interventivas focadas nos temas trazidos pelo próprio cliente.

A atuação clínica que tem como referencial teórico e metodológico a fenomenologia-existencial propõe-se a compreender uma realidade específica de como os clientes em análise percebem, compreendem e vivem os fenômenos presentes em suas vidas. A partir das orientações constantes da literatura sobre a fenomenologia-existencial, que fornece o arcabouço teórico e o método desta abordagem, fica clara a necessidade de se abrir mão, mesmo que temporariamente (epoqué), da intenção de corroborar na clínica qualquer hipótese desde antes estabelecida, posto que esta atitude e comportamento são contrários à postura a ser adotada por um psicólogo que se utilize do método fenomenológico-existencial criado a partir do modelo desenvolvido por Edmund Husserl (1901/2007), como é o caso da analítica existencial de Martins Heidegger.

Devemos ponderar que os fatos não se mostram em si mesmos, mas apenas através de fenômenos que se mostram para onde a consciência se volta. Assim é que Patton (1986), apud Alves (1991), aponta a tradição *verstehen* (hermenêutica) presente na pesquisa qualitativa, que pressupõe que “as pessoas agem em função de suas crenças, percepções, sentimentos e valores e seu comportamento tem sempre um sentido, um significado que não se dá a conhecer de modo imediato, precisando ser desvelado.” Sendo assim, entendendo que qualquer hipótese levantada a priori sobre um fenômeno qualquer jamais se aplicaria a todos os casos em particular, por este motivo o psicólogo existencial não lança mão de hipóteses construídas de antemão

para justificar o trabalho clínico em cada sessão em particular, posto que a realidade se apresentará na clínica. ALVES (1991) também define em seu artigo: “o foco e o *design* do estudo não podem ser definidos a priori, pois a realidade é múltipla, socialmente construída em uma dada situação”.

Portanto, na abertura de uma sessão psicoterápica, por tratar-se de uma relação que se inicia entre terapeuta e cliente, estes devem abrir mão de seus aprioris e, a partir do espaço terapêutico mesmo, deixar que os fenômenos se mostrem por si mesmos. Permitir que o processo terapêutico ocorra de modo singular, visando o contato direto com o cliente, faz parte do trabalho do terapeuta, e tem a ver com o estar presente no encontro. A intervenção a partir do que lhe está sendo trazido pelo cliente, visa possibilitar ao cliente uma compreensão de suas questões pessoais. Nesse sentido, cabe ao profissional da psicologia atuar eximindo-se de evocar para si a responsabilidade pelo desentranhamento das questões do cliente, mas possibilitar as condições necessárias para que o cliente reassuma sua condição de existente, regressando ao lugar de cuidado de si próprio.

No exercício psicológico clínico, fundamentado na fenomenológico-existencial, é fundamental a compreensão de que portar-se existencial e fenomenologicamente constitui cuidado. Desta maneira, para se alcançar os fenômenos que ali comparecem, necessariamente, tanto terapeuta como cliente, devem lançar-se em abertura no mundo criado por ocasião da sessão clínica, para que a consciência perceptiva perpassasse pelos modos de ser próprio como incompleto e indeterminado, mas em contínua constituição, idealizado apenas em sedimentações históricas de sentidos atribuídos. Essa disposição do ser-aí possibilita a desconstrução da imagem distorcida de si mesmo pelo reconhecimento

e aceitação do ainda-não-ser existencial de si próprio. A angústia se reestrutura e redimensiona, passando a parâmetros existenciais adequados, motor e combustível necessário à transformação e ao mover do homem, no tempo e no espaço que lhe são intrínsecos, seja este mover próprio ou impróprio – modos diversos de ser do Dasein.

É importante salientar que o resultado obtido em uma clínica não deve ser compreendido como simplesmente decorrente de uma explicação da realidade que envolve o fenômeno, conforme nos ensina Lessa (2015) no fragmento abaixo:

Não se pode fazer clínica como se essa envolvesse um processo de refutação racional dos transtornos, como se o que estivesse em jogo fosse convencer o paciente de que ele não tem razão alguma em sofrer com o transtorno que experimenta. (LESSA, 2015)

Uma clínica psicológica fundamentada na abordagem fenomenológico-existencial elabora-se e executa-se seguindo os procedimentos e a dinâmica estruturantes do método da análise-existencial, que são abertura, escuta, compreensão, descrição e cuidado, sendo que estes possibilitam ao ente em análise o ambiente necessário à reconstrução de seu ser-todo através do cuidado. O psicólogo carrega a noção de que, a cada encontro, a abertura faz parte da sessão, caminho que deve trilhar no sentido de possibilitar o espaço-tempo de construção em que o analisando efetua o trabalho de re-elaboração de seu todo existencial. Segundo Heidegger (1927), tal caminho a ser trilhado pelo analista existencial diz respeito unicamente ao método a ser utilizado.

Segundo Barreto (2011), o terapeuta existencial, ao exercer suas atividades com dedicação, esmero e acertividade, não busca saber de antemão as origens

dos conflitos supostamente causadores de crises existenciais, mas porta-se fenomenologicamente. Sendo assim, o serviço de um analista existencial sustentado por uma psicologia do cuidado com base fenomenológico-existencial seria, tão somente, possibilitar que o ente humano conscientize-se de seu horizonte de poder-ser-próprio, assumindo-se a partir da descoberta de que é um ente de possibilidades, de vir-a-ser. Que, em seu espaço-tempo finito, o ente deve assumir o cuidado de si próprio, diante das possibilidades infinitas de ser.

Assim, a atitude clínica mostra-se intimamente associada à própria atitude fenomenológica de suspensão das objetivações da existência e abertura à experiência de si e do outro como ser-no-mundo-com, como cuidado ontológico, condição de possibilidade para o acontecimento de uma transformação não produzida tecnicamente, mas emergente em forma de reflexão sobre o sentido. (SÁ & BARRETO, 2011)

O analisando, quando da reconstituição de seus modos ser, necessita debruçar-se sobre material específico referente a sua própria questão, que só lhe é disponibilizado por ele mesmo, ao se dispor, em uma sessão analítico-existencial, apoiado pelo psicoterapeuta, entrar em contato com seus modos de ser mais fundamentais. Isto, por certo, possibilita uma nova compreensão de si mesmo e de seu mundo existencial. Representa a concreta retomada de consciência de si mesmo. O processo de cuidado trata-se de “um processo ativo em busca de alcançar o ser em, através de um preceder-se a si mesmo por já estar no mundo” (Heidegger 2002, p.128; 257), em que o principal agente é o próprio dasein analisando. O objetivo principal desse processo é o desenvolvimento de uma relação mais significativa consigo mesmo, com outro ser-aí e com o mundo, que possa trazer sentido a sua existência, uma

vez que o mais concreto da existência é a vivência em si, o ato.

A abordagem psicológica do cliente em uma clínica fundamentada na fenomenologia existencial, não apriorística, não objetivante e não substancialista, segundo Magliano (2013), encontra barreiras oriundas de pré-conceitos estabelecidos pelas teorias substancialistas prevalentes, fazendo com que ela pareça a princípio complexa e inconsistente. Para o autor, isto se deve ao próprio pensamento crítico sobre o tema, que já se encontra eivado de certezas infundadas. Conforme os estudos de Magliano (2013) demonstram, os saberes e apelos técnicos perpassam hoje os vários contextos da vida contemporânea, inclusive as práticas psicológicas clínicas modernas, seja nos atos praticados pelos psicólogos, seja nas atitudes daqueles que dependem de assistência psicológica para a solução de suas questões existenciais. Devido à técnica, tais questões são compreendidas e interpretadas como enfermidades, que se encontram descritas em categorias nosológicas. Ainda segundo o autor, é preciso um olhar mais compreensivo sobre o sofrimento humano, assim como uma prática clínica em harmonia com a fenomenologia.

A fenomenologia – sustentando a dúvida sobre o conhecimento – não se deixa guiar, no cuidado terapêutico, por posicionamentos ontológicos prévios, não se restringindo, portanto, às elaborações de teorias psicológicas já instituídas, uma vez que o que se almeja com ela alcançar é, antes de tudo, o existir humano em seu próprio horizonte de sentido, algo que a objetivação científica não leva em consideração. (MAGLIANO, 2013)

A prática de uma Psicologia clínica pautada no ato de voltar-se às coisas mesmas, de deixar que o ser se mostre em sua particularidade, em seu modo próprio de ser, possibilitando-lhe um ambiente criado a partir

de um olhar voltado apenas para a compreensão e a descrição, demonstra ser a abordagem fenomenológico-existencial adequada para o uso no contexto clínico, considerando a multiplicidade dos modos de ser do ente humano.

Adicionado a esse entendimento, devemos ter em mente que, diferentemente do método positivista adotado por várias vertentes da psicologia, método que se diz impessoal, puro e isento de interferências do pesquisador, na abordagem fenomenológico-existencial o fenômeno a ser alcançado não está posto antes da presença do psicólogo, mas constitui-se e aparece a partir mesmo desse ser-com-o-outro, dessa aproximação entre cliente/psicólogo. Por ser uma clínica dos afetos, em que ambos os agentes são perpassados pela existência ocorrida na clínica, a história do psicólogo também comparece a partir das histórias do cliente.

Esse comparecer, entretanto, não significa que a história do psicólogo deva ser posta na sessão, mas sim nortear a compreensão do psicólogo a respeito das vivências trazidas pelo cliente, com vistas a facilitar o trabalho de possibilitar que o cliente compreenda suas próprias vivências a partir das descrições por ele mesmo trazidas. O cliente então avança na descrição dos sentidos por ele atribuídos aos eventos por que passou ou passa, até que alcance a compreensão da sua completa existência como constituída por um ser e um ainda não ser. Nesse sentido, a aceitação como fenômeno de compreensão de si próprio como ser incompleto e indeterminado, mas de possibilidades infinitas a serem experienciadas, favorece a percepção de sua responsabilidade como constituinte de si próprio e de seu universo existencial, a partir de seu projeto compreensivo originário. A respeito da natureza dessa compreensão, Barreto bem nos esclarece no fragmento abaixo:

Compreender, numa dimensão heideggeriana,

refere-se a ser esse poder-ser, estando o homem exposto à tarefa de ser sendo. Desse modo, o mundo apresenta-se como projeto compreensivo originário, que abre a possibilidade para a constituição de si mesmo, a partir de um horizonte hermenêutico existencial onde tudo o que “é” pode-ser. (BARRETO p. 35)

Possibilitar ao analisando a compreensão do fenômeno por ele vivido, na ótica da fenomenologia existencial, tem a ver inicialmente com a própria compreensão que se dá a partir da utilização do método na clínica, e será esta a tarefa do psicólogo ao desempenhar seu trabalho no decorrer das sessões. A compreensão vem dar-se de duas maneiras: a partir do mundo fático, no contato direto com as coisas mesmas, cuja compreensão é de forma ôntica, ou seja, em uma compreensão pré-ontológica do sentido de ser, segundo o entendimento haideggeriano (Heidegger, 1927, p. 55). Mas também ontologicamente, que se dá em um movimento posterior de elaboração e re-elaboração do vivido, quando ocorre a atribuição de sentido e de equalização da dissonância cognitiva por ventura existente.

Em seu percurso filosófico, Kant (1724 – 1804), utilizou-se do termo “menoridade” para expressar a idéia de um estado de ser inautêntico, e que o ente humano precisa ou pode superar este estado através do “esclarecimento”, que trata-se de um processo progressivo decorrente do uso constante da razão. Em uma clínica fundamentada na compreensão e na descrição, estas questões precisarão ainda ser avaliadas por um outro viés que não o da valoração comparativa. Pois o caminho de progresso das atitudes inapropriadas para as apropriadas ou o “esclarecimento” de uns não pode jamais servir de parâmetro definidor de uma vida bem sucedida (autêntica) generalizada a todos os entes humanos, sem considerar nesta equação o que constitui

o horizonte fático de cada ente humano, bem como seu modo de ser mais próprio. Segundo Heidegger (2002, p. 11), “a idéia de existência como poder-ser que compreende, e onde está em jogo seu próprio ser, é determinante. Sendo porém sempre meu, o poder-ser é livre para a propriedade e a impropriedade ou ainda para um modo de indiferença”.

Por esta razão é que devemos estar atentos diante de determinadas considerações que se faz a respeito do entendimento heideggeriano sobre os modos de ser autênticos e inautênticos de existir, quando inadvertidamente aplicados ao caso concreto e particular de um indivíduo qualquer, pois tais entendimentos devem ainda estar dentro do âmbito da compreensão da totalidade dos modos de ser próprios de cada ser-aí, considerados como possibilidades integrais do poder-ser-próprio de cada ente humano.

A compreensão do vínculo entre a noção de autenticidade e a de liberdade não se limita a afirmar que o projeto autêntico da existência é “livre” em contraposição ao projeto inautêntico que é “fechado” ou “restrito”. Não é equivocado pensar que a modalidade autêntica se caracterize por ser “mais livre” em relação à impessoalidade do que o projeto inautêntico, embora, de forma alguma, aqui se esgote o sentido atribuído por Heidegger a esta noção. Nos limitaremos a afirmar, por hora, que a noção de liberdade não se caracteriza nem se resume simplesmente pelo projetar-autêntico, mas, de maneira inversa, apenas cabe ao *Dasein* inaugurar o projeto autêntico da existência justamente devido à sua condição originariamente livre. (MAGLIANO, 2013, p.32)

A impessoalidade apresentada no pensamento de Heidegger (2002) diz respeito ao agir de forma a fazer aquilo que todo mundo sempre faz. Aquilo que o mundo nos oferece como possibilidade de resultados consagrados. Esta é a vida inautêntica, segundo Heidegger. A

vida autêntica é aquela decorrente de uma mudança de atitude que tira do lugar comum, que recupera o pensamento crítico sobre o fazer. É responsabilizar-se de forma coerente com aquilo que escolhe, compreendendo que suas vivências são fruto de escolhas conscientes, que fazem parte de seu modo próprio de ser e de existir no mundo.

A filosofia fenomenológico-existencial fala de um existir no mundo despido de pré-conceitos ontológicos fundamentadores e norteadores de condutas em quadros presentes e futuros de vivências, como sendo uma forma mais original de viver e compreender as relações com os demais entes que vêm ao nosso encontro no mundo e com nossos próprios modos de ser. Ou seja, um apropriar-se das possibilidades de um conhecimento ainda mais original, o intuitivo. É resgatar para um primeiro plano de referência as relações interativas entre os entes. Trata-se da superação do pensamento a priori para se chegar às vivências mesmas, e descobrir e exercer as possibilidades múltiplas de ação e reação. É libertar-se do poder dos pré-conceitos, compreendendo-os como constituídos sedimentarmente, não entendendo como limitadores de performances mais originais.

Segundo Heidegger (2001), a compreensão apriorística dos fenômenos como estruturas preconcebidas independentes da percepção de quem as compreende, acaba por concebê-las como entidades simplesmente dadas, quaisquer que sejam elas. De fato, o fenômeno constitui-se a partir de sua realização ocorrida na relação vivida. Porém, conforme Heidegger já o disse: “o espírito do positivismo pressupõe a necessidade de certeza, de algo como concreto”. (HEIDEGGER, 2001, pg.47)

Por outro lado, conforme Sá (2011) nos ensina, devemos ter em mente a co-relação dos modos de ser do ente humano com o sentido fundamental do cuidado

proposto por Martin Heidegger, em que no cuidado de si próprio, o cuidado não existe sem o outro. Poder-se-ia dizer que o cuidado tem uma estrutura circular, pois quando se cuida do outro, ali mesmo já se está sendo, de alguma forma, cuidado pelo outro. O que aqui foi dito expõe as descrições heideggerianas dos processos de singularização e autonomia do ser-aí humano, processos esses nos quais o ente humano se reconquista a partir de uma relação autêntica com os demais entes e consigo mesmo.

Acompanhar o cliente nessa tarefa significa auxiliá-lo a tornar explícito para si mesmo o sentido de suas experiências: dores, alegrias e de suas possibilidades negadas. Nessa compreensão, não há nenhum direcionamento, mas a desconstrução das meras opiniões ditadas pelo falatório do impessoal e a quebra das habitualidades abrem fissuras que deixam entrever possíveis mudanças, transformando o acontecer clínico em experiência apropriada e tematizada, constituída por “aceitar simplesmente aquilo que se mostra no fenômeno do tornar presente e nada mais” (Heidegger, 2001, p.101 apud SÁ, 2011).

Decorreria então, na fluidez da temporalidade ocorrida na análise, característica essencial do cuidado, segundo Heidegger (2002), um ente mais completo, mais crítico e ciente de que seu horizonte existencial encontra-se por ele mesmo sedimentado em decorrência de sua constituição de ente que dá sentido a tudo e de seus modos de ser na temporalidade junto ao mundo. Esta transformação representa o constante movimento inerente à existência do ente que avança ou retrocede em seus modos de ser, por significar exatamente um mostrar-se do ente em seu sentido de ser. Até mesmo, e principalmente, um mostrar-se para si mesmo.

Tal contato ontológico possibilita ao ente uma nova maneira de experienciar e produzir sentido para sua existência, compreendendo-a como desenvolvida a partir do seu modo próprio de agir, e não recebida pronta. Ao questionar o sentido de suas ações, busca uma nova compreensão de seu agir diante das situações cotidianas da vida, tendo em vista uma relação mais compreensiva consigo mesmo, e com os demais entes. Tudo isso, porém, sendo-lhe sempre assegurado e respeitado o seu modo próprio de ser-no-mundo.

Considerações Finais

Este estudo teve como propósito investigar as possíveis mudanças empreendidas nos modos de ser do ente humano a partir de uma psicoterapia fundamentada em uma Psicologia negativa. Para tanto, buscou esclarecer a compreensão de seu objeto de estudo e suas possibilidades de responder teórica e metodologicamente, da maneira mais condizente possível, às demandas que lhe são apresentadas. A Psicologia negativa decorreu dos desdobramentos da Fenomenologia, que foi concebida de forma rigorosa por Edmund Husserl, e depois por Wilhelm Dilthey, e que compreende o ente humano e o mundo como co-existentes originariamente. Em Heidegger, sucessor de Edmund Husserl na Universidade de Frankfurt, viu-se a fenomenologia singularizar-se em seu caráter existencial, transformando-se em uma ontologia fundamental. Isso possibilitou um processo de atualização na Psicologia, que ensejou no surgimento e desenvolvimento da Psicologia negativa, com importantes reflexos conceituais e metodológicos, como a compreensão de um ente humano desprovido de aparelho psíquico e historicamente constituído, mas também, e principalmente, no contexto prático da clínica psicológica, por estabelecer a possibilidade de se compreender as questões existenciais humanas mais profundas como o modo próprio de ser de cada ente humano em seu existir ou seu estar no mundo.

Sendo assim, durante todo este trabalho, ficou evidenciado que a abordagem fenomenológico-existencial de Martin Heidegger apresenta uma compreensão de mundo e de homem capaz de fundamentar um fazer clínico afastado tanto do modelo próprio da tradição

metafísica, quanto do modelo positivista, pautado na dicotomia sujeito/objeto e em todos os seus pressupostos. Essa nova compreensão sobre seu objeto de estudo foi de crucial importância para que a psicologia avançasse na construção de um método clínico próprio, mais adequado ao contexto existencial humano. Ao compreender homem e mundo como co-existentes originariamente, Heidegger consolida a idéia de uma fenomenologia-existencial compreensiva e descritiva, cujo modelo de pensar foi desenvolvido por ele a partir das propostas originais de Edmund Husserl e Wilhelm Dilthey. Heidegger, ao conceber homem e mundo como unidade indissociável, passa a descrever essa co-existência considerando o mundo como um ente ontologicamente constituído a partir dos vários sentidos que lhe são atribuídos pelo ente humano, o ser-aí, e este só podendo existir no mundo.

De outra parte, o estudo desvelou a correlação existente entre o conceito de cuidado presente na filosofia da Abordagem Fenomenológico-existencial de Martin Heidegger e os modos de ser próprios do Dasein, bem como suas possibilidades de fundamentar o conceito de cuidado em uma clínica psicoterápica sustentada na negatividade estrutural do ser do ente humano. Esta correlação comparece na medida em que o ente humano apresenta-se como um ser indefinido, incompleto e indeterminado, marcado fundamentalmente por seu caráter de abertura. Em contrapartida, o ente humano, na medida em que já está lançado no mundo junto aos demais entes, se ocupa das coisas do mundo, configurando-se como um ser constituído por cuidado.

Por outro lado, demonstrou-se a fundamentação necessária para o uso do modelo fenomenológico-relacional na condução das questões existenciais humanas no contexto clínico. Para tanto, debruçou-se sobre o arcabouço teórico da fenomenologia-existencial referente

ao método a ser utilizado na clínica, compreendendo e esclarecendo a maneira originária de constituição dos fenômenos, que, segundo a fenomenologia-existencial, se dá a partir da relação estabelecida. Sendo assim, em uma prática clínica que tem por fundamento o cuidado, a abertura constitui condição primordial para um fazer psicológico que respeite todos os modos possíveis de ser do ente humano em consonância com as possibilidades que lhe são próprias. A compreensão e a descrição, por sua vez, constituem o meio de apreensão e compartilhamento do fenômeno que se dá na relação instituída entre terapeuta e cliente, possibilitando que cada ente ali presente possa acessar e responsabilizar-se pela condução de seu próprio processo de análise e reconstituição de seus modos de ser.

Por tudo isso, considera-se ter alcançado o objetivo de apresentar o referencial teórico e metodológico da fenomenologia-existencial de Martin Heidegger, sua analítica-existencial, seu objeto de estudo e seu objetivo proposto como fundamentais para a sustentação do conceito de cuidado em psicoterapia. Por outro lado, os esclarecimentos trazidos sobre a aplicação prática decorrente dos conceitos presentes nessa abordagem oferecem contribuições significativas para a atuação do psicólogo.

Referências

ALVES, Alda Judith. **O planejamento de pesquisas qualitativas em educação**. Caderno de Pesquisa. São Paulo (77): 53-61, maio 1991. Alves publicacoes. fcc.org.br › ojs › index.php › article › view.

BARRETO, C. L. B. T. (2006). **Ação clínica e os pressupostos fenomenológicos existenciais**. Tese de doutorado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo.

DRUCKER, Cláudia - **DOSTOIÉVSKI, HEIDEGGER, TÉCNICA E ÉTICA**, ethic@, Florianópolis, v.3, n.1, p. 61-82, Jun 2004: cita Dostoiévski (1863) *Notas de inverno sobre impressões de verão*.

GONÇALVES JR, Arlindo F.. **A noção de inautenticidade em Heidegger e Sartre**. Faculdade de Filosofia – PUC-Campinas Reflexão, Campinas, 30(87), p. 31-41, jan./jun., 2005

HEIDEGGER, Martin., Cavalcante Schuback, Marcia Sá. **Ser e tempo**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes. 2002.

LESSA, Jadir Machado. **Curso de Análise Existencial: Princípios fundamentais de uma prática psicoterápica com bases fenomenológico-existenciais**. Niterói, Dezembro de 2011.

LESSA, Jadir Machado. **Solidão e Liberdade**. Rio de Janeiro: SAEP Ed, 2003.

MAGLIANO, Fernando da Rocha. **Apropriação de sentido e liberdade: reflexões heideggerianas acerca das práticas clínicas psicológicas** / Fernando da Rocha Magliano. – 2013.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. 5ª ed. São Paulo: Centauro, 2005. 110 p.

MERLEAU-PONTY, Maurice, 1908-1961. **Fenomenologia da percepção** / Maurice Merleau-Ponty ; [tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura]. - 2- ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1999. - (Tópicos)

NEVES, José Luís Neves. **Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades**. Caderno de Pesquisas em Administração, São Paulo, v1, n.3, 1996.

PORFÍRIO, Francisco. **O que é Filosofia?**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/o-que-e-filosofia.htm>. Acesso em 31 de março de 2020.

SÁ, Roberto Novaes de; BARRETO, Carmem Lúcia Brito Tavares. **A noção fenomenológica de existência e as práticas psicológicas clínicas** (Estud. psicol. Campinas) vol.28 no.3 Campinas July/Sept. 2011 <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2011000300011>

SILVA, Gabriel B. Pessoa da, ET AL. **Os significados do conceito de abordagem teórica e as implicações na prática do psicólogo: um estudo com graduandos de psicologia**. XXVII SEPA – Seminário Estudantil de Produção Acadêmica, UNIFACS, 2018. <http://www.revistas.unifacs.br/index.php/sepa>

Realizado o Depósito legal na Biblioteca Nacional conforme Lei n. 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

TÍTULO O Conceito de Cuidado na Psicoterapia Fenomenológico-Existencial
AUTORES Clóvis Lopes da Silva
Jadir Machado Lessa
CAPA João Matheus de Barros Câmara
PINTURA DA CAPA Steve Johnson | Unsplash
PROJETO GRÁFICO João Matheus de Barros Câmara
FORMATO 21 x 30 cm
PÁGINAS 69
TIPOGRAFIA Bookerly | CORPO
Petala Pro | TÍTULOS
EDIÇÃO 1ª edição - Outubro de 2021
PUBLICAÇÃO Editora da Universidade Federal do Maranhão
EDUFMA
SUPORTE E-book



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

ISBN: 978-65-89823-94-0



9 786589 823940